



AS LOUCEIRAS DO MARUANUM E O TURISMO
CULTURAL NA REGIÃO AMAZÔNICA: UMA
ANÁLISE DO DISCURSO

MARUANUM TABLEWARE MAKERS (CRAFTSWOMEN)
AND THE CULTURAL TOURISM IN THE AMAZON
REGION: AN ANALYSIS OF THE SPEECH

Elloane Carinie Gomes e SILVA¹

Diva de Mello ROSSINI²

¹ Designer de Produto pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e Mestra em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: elloane.carinie@gmail.com

² Docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Mestrado e Doutorado em Turismo e Hotelaria na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: divarossini@univali.br.





RESUMO

Este artigo apresenta resultados provenientes da análise do discurso conduzida em nossa pesquisa de mestrado que objetivou evidenciar as Louças do Maruanum, no Estado do Amapá, como patrimônio cultural sob a ótica do turismo cultural. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com objetivo exploratório-descritivo; os procedimentos utilizados foram a pesquisa teórica e de campo. Para a análise dos dados oriundos do estudo de campo foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de onde destaca-se que o saber fazer das louceiras do Maruanum implica em uma troca cultural que reflete os movimentos do turismo na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo cultural; louças do Maruanum; Análise do Discurso; Discurso do Sujeito Coletivo (DSC); patrimônio cultural.

ABSTRACT

This article is the results four Master's research and aims to present an analysis of the table ware made in Maruanum, in the state of Amapá, as a cultural heritage, using the perspective of cultural tourism. It is a qualitative, quantitative research, with exploratory and descriptive objective; the procedures used were theoretical and field research. For the data analysis, the Discourse of the Collective Subject (DCS) method was used and as a result, it is note worthy that the know ledge of the Maruanum table ware makers (crafts women) implies a cultural exchange that reflects the movements of cultural tourism in contemporary times.



KEYWORDS

cultural tourism; Maruanum tableware; Discourse Analysis; Discourse of the Collective Subject (DCS); cultural heritage.

Introdução


A região amazônica constitui uma das últimas fronteiras de conhecimento da biodiversidade e dos grupos sociais relacionados a ela (ABREU; NUNES, 2012), a interação entre o natural e o social é nutrida pela conexão das pessoas ao meio, de onde nele e com ele, é impressa a sua materialidade (TAVARES, 2009). A floresta amazônica fornece as matérias-primas que constituem as louças do Maruanum, mostradas na Figura 01.

Figura 1 – Registro compilado das louças do Maruanum



Fonte: Bruno de Oliveira da Silva – Arquivo da apresentação do trabalho (2019).

A floresta é também o lugar onde vive a “mãe do barro”, a guardiã do barreiro, que permite e protege a confecção das louças desde a retirada da argila até a sua queima; nesse ritual, a louça pode ser considerada um “objeto mediador de um diálogo cíclico entre essas mulheres e a natureza; e entre natureza, mulheres e objeto” (COSTA; LIMA; CUSTÓDIO, 2016, p. 201). Todo



o processo de confecção das louças do Maruanum, bem como suas formas de utilização, suscita saberes e trocas simbólicas com os visitantes da comunidade.

A partir disso, esta pesquisa busca analisar os referidos objetos dentro do segmento cultural do turismo, entendendo que eles constituem a ancestralidade da comunidade, uma importante fonte de renda, e “um sistema de produção artística que transcende sua natureza utilitária” (COSTA; LIMA; CUSTÓDIO, 2016, p. 208). Para tanto, foram adotadas a pesquisa teórica e de campo para analisar o saber fazer das louças do Maruanum como patrimônio cultural, sob a ótica do turismo cultural; como método de análise dos dados provenientes do estudo de campo, elegeu-se o Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, com base em Lefèvre e Lefèvre (2006).

TURISMOCULTURAL E ARTE POPULAR

Para iniciar as reflexões deste trabalho é necessário interpor uma breve conceituação do turismo cultural, que compreende as atividades turísticas relacionadas, essencialmente, a vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (BRASIL, 2010). Pontua-se que a vivência se refere a duas formas de relação entre o turista e a cultura: o conhecimento, que é a busca por entender e conhecer; e a experiência participativa, contemplativa e de entretenimento (SILVA, 2015).

Nos últimos anos, diversas combinações surgiram no segmento do turismo cultural como forma de analisar as potencialidades do desenvolvimento humano e/ou social das comunidades tradicionais, dentre elas, a interação com a arte popular e/ou artesanato local; essa interação é evidente, pois o turista é um grande consumidor desses objetos, tornando-se necessário



considerar uma multiplicidade de olhares sobre essa relação (PEROTA, 2005). Sobre isso, são necessários alguns entendimentos acerca dos significados de arte popular e artesanato por serem as expressões mais emblemáticas da chamada “cultura popular”.

Em meio ao emaranhado teórico existente, pontua-se que para Octávio Paz (1998) o artesanato pertence a um mundo anterior à distinção entre o útil e o belo; em adição, Emanuel Araújo e Frederico Pernambuco de Mello, curadores da exposição³ de Arte Popular da Mostra do Redescobrimento, enfatizam que os termos “folclore” e “artesanato” deveriam ser excluídos do nosso vocabulário para compreendermos o “universo da criação popular”, devendo considerar a Arte Popular sem distinções em relação as outras, pois todas têm valor estético e significados (ZUCON; BRAGA, 2013). Considera-se ainda a observação feita por Zucon e Braga (2013) ao não estabelecerem uma diferenciação entre o artesanato e a criação de obras únicas, inserindo-o no contexto moderno, onde a “arte é um produto”, o que significa que ela é passível de ser comercializada e de fornecer sustento aos seus realizadores.

No caso deste trabalho, essas expressões foram adotadas como sinônimos para fazerem referência à vasta e diversa produção de objetos – com contextualização histórica, valor simbólico e identidade cultural – que, em muitos lugares, envolvem elementos de identidade comunitária ou regional (ZUCON; BRAGA, 2013). Segundo Cuéllar (1997), esses objetos, como expressão das tradições em constante renovação, são um verdadeiro patrimônio vivo e, a um só tempo, um meio de subsistência e fator de equilíbrio; sendo tradicionalmente “um complemento básico da economia

³ Na ocasião da comemoração dos 500 anos do Brasil (ZUCON; BRAGA, 2013).



rural e funciona como um sistema informal de capacitação da mão de obra e fomento ao turismo” (FERNANDES, 2017, p. 166).

Dentro desse contexto, o turismo não é somente uma atividade econômica, mas também um movimento que carrega representações, signos, identidade e resistência (SILVA; SILVA, 2016). Essa interação denota que através do turismo é possível descobrir a diversidade e exercitar a capacidade de conviver com as diferenças, assim como exercer a comunicação, a negociação e o compromisso mútuo, nessas circunstâncias, o turismo realizado do ponto de vista cultural é, simultaneamente, realizado na escala humana e significa aprendizagem (PIMENTEL, 2009).

ESTRATÉGIAS EM CAMPO

Diante do exposto e para atender ao objetivo da pesquisa, recorreu-se ao estudo de campo, com observação participante, ocorrido nos meses de novembro/dezembro de 2018 e abril de 2019 na comunidade de Santa Luzia do Maruanum, distante 70 km da cidade de Macapá, capital do estado do Amapá. Para a coleta de dados foram utilizados roteiros de entrevista semiestruturados destinados ao grupo focal⁴ – que se encaixa no paradigma geral da pesquisa qualitativa (BARBOUR, 2009) –, composto por três mulheres ceramistas, são elas: Marciana Nonata Dias, Deuzarina Costa Silva e Raimunda Costa da Silva.

Foram definidos ainda, dois grupos de informantes⁵, o primeiro formado por representantes de instituições, de onde selecionamos duas gestoras – uma

⁴ Com autorização do uso da gravação de voz da discussão, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido associado a autorização de imagem e vídeo.

⁵ Com autorização do uso da gravação de voz das entrevistas por meio do Termo de Autorização para Coleta de Dados.




representante do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-AP) e uma representante do Instituto Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (IMPROIR). No segundo grupo, formado por representantes de empreendimentos locais que utilizam ou já utilizaram as louças do Maruanum em produtos ou serviços, selecionamos o proprietário de um espaço cultural em Macapá, com serviço de bar e restaurante, e um designer responsável por projetos de tematização em hotéis da cidade de Macapá. A seguir são construídos os resultados das análises provenientes do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC.

O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Para a análise dos dados provenientes do grupo focal e dos grupos de informantes, escolhemos o método do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, com base em Lefèvre e Lefèvre (2006), que utiliza a teoria das representações sociais, preservando as dimensões individual e coletiva articuladas em resultados que podem ser generalizados e aparecem, numa escala coletiva, como depoimento sob a forma de discurso (AZEVEDO; CONEJERO, 2016). O discurso é caracterizado como o ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos e, sua análise centra-se na concepção de um sujeito “que vai perdendo a polaridade centrada ora no eu ora no tu, enriquecendo com uma relação dinâmica entre identidade e alteridade – que vai ocupar o centro de suas preocupações atuais” (BRANDÃO, 1995, p. 62).

Neste sentido, o centro da relação não se encontra no “eu” ou “tu”, mas no espaço discursivo criado entre ambos (BRANDÃO, 1995). Para Lefèvre e Lefèvre (2006) os sujeitos coletivos são entidades sociológicas pois são





portadores de representações sociais “vistas como expressões ideológicas ou simbólicas de configurações sociais objetivas [...]”; e também entidades discursivas na medida em que se trata de sujeitos coletivos de discurso” (AZEVEDO; CONEJERO, 2016, p. 04).

O DSC propõe organizar, tabular e analisar os materiais verbais que constituem seu *corpus*, extraindo-se de cada um deles os operadores, que são: as expressões-chave (E-Ch), trechos literais dos depoimentos que indicam e/ou sinalizam o principal conteúdo dessas respostas; as ideias centrais (IC), fórmulas sintéticas que nomeiam o sentido de cada trecho, ou conjunto de trechos, dos depoimentos e de cada categoria; as ancoragens (AC), que sinalizam o valor, a crença, a teoria ou a ideologia que o autor do discurso professa; por fim, o DSC, que são os signos compostos pelas categorias e pelo seu conteúdo, ou seja, as expressões-chave com as ideias centrais semelhantes sob uma categoria (LEFÈVRE; LEFÉVRE, 2006).

Isto posto, após a transcrição das entrevistas fornecidas pelas mulheres ceramistas do Maruanum, foi realizada a análise dos dados por meio do *software* de apoio, o *DSCSoft*, que auxilia na construção do DSCa partir da indicação das ideias centrais agrupadas sob categorias de análise, fornecendo as expressões-chave associadas. A partir disso, estabeleceu-se o diálogo do DSC com a literatura para a compreensão das impressões captadas, discutidas nos tópicos subsequentes.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: AS LOUCEIRAS DO MARUANUM

A construção do discurso do sujeito coletivo ocorreu da seguinte forma: a primeira pergunta gerou doze expressões-chave (E-Ch) que resultaram em sete ideias centrais (IC) e cinco categorias (Cat.), como mostra o Quadro 1.



Quadro 1 –Exemplo da construção do Discurso do Sujeito Coletivo oriundo do grupo focal

Pergunta 1: O que são as louças do Maruanum?

Entrevistado	E-Ch	IC	Cat.
Marciana	As louças significam pra nós um grande trabalho que nós tem com as nossa mão calejada.	As louças significam um grande trabalho.	A
Raimunda	É muito importante pra nós porquedas peça que a gente tira a renda pra gente sobreviver. É o meio de renda que a gente tem. [...] através das louças a gente compra as outras coisas que a gente tem de precisão porque a gente faz a louça e vende...aí da pra gente sustentar os filhos da gente...a escola, tudo que é preciso pra dentro de casa, é muito importante.	É o meio de renda, pois através das louças podemos comprar as coisas para casa e sustentar os filhos da gente.	B
Deuzarina	[...] quando eu vendo eu ganho dinheiro que é pra comprar minha alimentação. [...] o meu remédio também.	Quando eu vendo as louças eu ganho dinheiro para comprar minha alimentação e o meu remédio.	B
Marciana	A importância das nossas louças do Maruanum porque é de função pra nossas comunidade.	As louças do Maruanum têm função para as nossas comunidades.	C
Raimunda	[...] é uma coisa muito importante o uso das peça né?! [...] dentro da comunidade é importante porque não é só nós que usa, quase todo mundo da comunidade usa a peça. [...] tem como a gente utilizar todas elas que a gente precisa.	É importante o uso das peças dentro da comunidade e tem como a gente utilizar todas elas.	C



Marciana	A comunidade valoriza, tem compradores que vem de fora e nós temos nosso retorno.	A comunidade valoriza, tem compradores que vem de fora e nós temos nosso retorno.	E
Raimunda	[...] não tanto só pra nós daqui da nossa comunidade, mas todas pessoa que gosta de ter a argila, as peça, os artesanato em casa.	É para todas as pessoas que gostam de ter a argila e o artesanato em casa.	D

TOTA 7

Fonte: elaborado pelas autoras (2019).

A frequência de ideias centrais destacou duas categorias: “é o meio de renda”(Categoria B) e “a comunidade usa as louças do Maruanum”(Categoria C), como mostra a Tabela 01.

Tabela 1 –frequência das categorias que agrupam as ideias centrais

		(N)	frequência Ideias	frequência Entrevistados
A	As louças significam o trabalho	1	14,29 %	33,33 %
B	É o meio de renda	2	28,57 %	66,67 %
C	A comunidade usa as louças do Maruanum	2	28,57 %	66,67 %
D	É para quem gosta de ter a argila e o artesanato em casa.	1	14,29 %	33,33 %
E	A comunidade e as pessoas de fora valorizam as louças	1	14,29 %	33,33 %
TOTAL DE RESPOSTAS		7		
TOTAL DE ENTREVISTADOS		3		

Fonte: *DSCSoft*, 2019.

As primeiras impressões captadas evidenciam que as louças do Maruanum assumem, na contemporaneidade, o apelo identitário ao ancestral (ALMEIDA, 2010), ou seja, embora sejam vistas como uma fonte de renda e “[...] busquem



a forma nova, não escondem a ligação profunda com a tradição de produzir os utensílios para dar de beber e comer, para cozinhar [...]” (ALMEIDA, 2010, p. 212). O DSC que traz a compreensão dos significados das louças do Maruanum para as mulheres ceramistas está exposto no Quadro 2.

Quadro2 – Discurso do Sujeito Coletivo referente a pergunta 01 (QUADRO 01).

Ideia Central (Cat. B e C)	É o nosso meio de renda e a comunidade usa as louças.
DSC	As louças são o meio de renda, através delas a gente compra as coisas pra nossa casa e pra sustentar os filhos da gente, isso é muito importante. Quando eu vendo as peça, nós tem mais recursos. Além disso, as louças são importantes para o uso dentro da comunidade, elas tem função!

Fonte: DSCSoft, 2019.

Em função de ocupar muitas páginas, optou-se por não mostrar todos os quadros e tabelas gerados a partir das demais perguntas do roteiro de entrevista; deste modo, a partir de mais 8 perguntas, foram geradas 61 (sessenta e uma) expressões-chave, que resultaram em 52 (cinquenta e duas) ideias centrais e 28 (vinte e oito) categorias. A síntese do DSC do grupo focal é apresentada a seguir, junto a sua interpretação; neste sentido, opta-se por utilizar as narrativas que proporcionavam uma leitura direta a respeito do posicionamento do grupo com relação as dimensões simbólicas das louças e sua relação com os visitantes.

Sobre as origens do conhecimento tradicional das louceiras, o discurso segue:

Desde que eu me entendi que eu mexia e fazia, era o mesmo material que nós faz hoje que a gente fazia. Do mesmo jeito que eu comecei, desse mesmo jeito eu faço. Desde quando nós comecemos é do mesmo jeito que nós faz.





Existe no Maruanuma tradição de instrumentalizar o barro, um saber fazer compartilhado e reproduzido ao longo da história dessa comunidade e das louceiras, esse conhecimento é nutrido no próprio convívio com o universo da criação, da experimentação, da encantaria, da religiosidade e da arte (COSTA; LIMA; CUSTÓDIO, 2016), sendo uma expressão coletiva, por se tratar de um marcador identitário da comunidade, mas também individual, por carregar a forma e simbologia de cada louceira. Assim:

Quando eu comecei a fazer as louças era porque eu achava bonito a mamãe fazendo aquelas peça, aí eu fui pegando e fui fazendo as peça. Eu acho bonito trabalhar com a argila e eu tenho uma boa paciência pra fazer as peça, acho o barro macio e eu tenho aquele amor, aquele carinho de fazer minhas peça, me sinto muito à vontade em fazer a minha loicinha com toda a paciência do mundo.

As mulheres associam o trabalho no barro às suas memórias e recordam experiências vividas atreladas a afetividade. Neste sentido, a recordação “tem uma função interdependente em relação à percepção [...]. Grande parte do que se percebe é recordação e a percepção é seu ponto inicial” (MARTINS, 2002, p. 02), portanto, o que acontece na memória é um processo de reconstrução atrelado a realidade vivida e em função dos interesses do momento presente (BOSI, 2003).

Quando questionadas sobre os turistas que compram as louças, o discurso das ceramistas aponta para a relação identitária com elas mesmas, uma vez que as louças “condensam ações, relações, emoções e sentidos” (LAGROU, 2010, p. 02) e é por meio delas que elas existem no mundo e apontam, também, para o olhar do turista que atribui significados as





louças conforme sua própria bagagem cultural, evidenciando o caráter de contemplação; neste caso, reconhecendo que no contexto da comunidade do Maruanum, as louças são utilitários e evocam um mundo simbólico, ou seja, a instrumentalidade e a arte não são excludentes, mas reforçam uma a outra (LAGROU, 2010). O discurso segue assim:

Quando as pessoa vem eles façam primeiro a pergunta ‘como é que é usado?’, porque tem gente que compra mai pra enfeite da casa e tem gente que compra mesmo pra utilizar as peça. Eles acham bonito as nossas peça, a gente faz e eles encomendam porque as loiça do Maruanum é que tem mais resistência, vai no fogo e dura mais. Os turista sabem da onde que vem, a origem das peça é no maruanum e eu acho que eles vê a gente fazer essas peça e ficam interessado a comprar as peça aqui do maruanum. Um turista veio lá em casa, me encomendou umas peça que ele queria, umas peça que ele queria fazer presente, porque eles falo que as peça do Maruanum é as que tem valor e as que tem a cultura do Amapá é a do Maruanum. Eles acham que é a melhor peça que eles já encontraram no Brasil [...], porque as louça do Maruanum é diferente das outras peça, das outras panela que o pessoal faz.

[...] As louças do Maruanum tem uma grande história né?! Eles se interessa pela história, pela tradição da comunidade e as nossas peça é feita com argila, o caripé e a jutaicica, e as outras peça que faz não é feito com esse trabalho que as loicera do maruanum faz.

Utilizando a leitura de Alfred Gell (2001) sobre contemplação e arte, as louças do Maruanum agem sobre a mente do receptor, sugerindo “intencionalidades diversas interconectadas” (LAGROU, 2010, p. 16), onde é possível que os visitantes interpretem, através da forma das louças, os aspectos culturais dessas mulheres; neste sentido, as louças se aproximariam da arte conceitual por apresentarem, através de sua instrumentalidade, o conhecimento corporificado das ceramistas. O DSC ressalta ainda que a retirada do barro é o símbolo do seu trabalho e do esforço despendido





durante o processo de confecção das louças, além disso, é a partir dele que se estabelece o contato com a “mãe do barro”:

Tu podia vir no tempo da tiração do barro que aí você via tudo, como é que a gente tira, como a gente tem que tirar essa terra preta de cima, a gente limpa primeiro tudinho pra poder retirar o barro que tá lá embaixo. Não é só fazer a roda lá, cavar e tirar aquela primeira camada e já tá boa não! A gente vai buscar lá no fundo mesmo, tira a primeira camada, tira segunda, tira a terceira, a quarta camada é que aparece o barro. Depois do processo tudinho, a gente coloca o barro na canoa e traz para a residência de cada uma. Dá serviço! [...] quando a gente chega pra tirar o barro, a gente tem que tirar, tirar licença da mãe do barro...tem que tirar licença da mãe do barro pela...deixar a gente tirar nosso barro e fazer nossas peça pra queimare em paz [...].

Assim, a relação das mulheres com o barro antecede a relação com a cerâmica. Ao aproximarmos essa inferência à proposta de Lévi-Strauss (1964), em seu livro “O cru e o cozido”, em que utilizando a metáfora, o antropólogo trata do cru como a natureza e o fogo como a cultura (LARAIA, 2006), é possível denotar que a relação das mulheres com a matéria-prima – em primeira ordem, está relacionada à experiência do sensível, do contato com a natureza, sustentado por um pensamento mítico que, posteriormente, implica na experiência do inteligível – o de segunda ordem, ou seja, o olhar dessas mulheres sobre as significações da cerâmica já pronta.

Nesse contexto, os mitos ensinam que “a terra não deve mais ser o que se come, e sim o que se coze como alimento para nele poder cozinhar o que se come. De alimento propriamente no estado de natureza, a terra assume o papel de recipiente, isto é, obra cultural” (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 221). Além disso, ao convidarem os visitantes para a participação no processo de





feitura da cerâmica desde a retirada do barro, as louceiras demonstram a vontade de compartilhar a sua visão do mundo. Na percepção delas:

As louças do Maruanum tem uma grande história né?! Eles se interessa pela história, pela tradição da comunidade e as nossas peça é feita com argila, o caripé e a jutaicaica, e as outras peça que faz não é feito com esse trabalho que as loicera do maruanum faz. Eles vão um dia lá na comunidade, já tem indicação de onde é que tem as peça, aí eles vão se informando cas pessoa, qual é as loiceras e levam eles pra mostrar onde é que as loiceras moram. Acho que vem mesmo pelas louças! Mas, quando eles vem aqui eles se interessam pelas fruta, pela farinha, tucupí, a tapioca, o marabaixo. Eles almoçam lá [...].

Ao tratar do “turismo comunitário e seu patrimônio”, na perspectiva da afirmação cultural, Maldonado (2009) denota que “o fator humano e cultural da experiência é o que cativa o turista e precede a simples motivação de imersão na natureza”. Os princípios que o segmento do turismo se baseia, deriva dessa cosmovisão, ou seja, “uma visão holística onde o homem e a natureza formam parte de uma unidade total e indivisível” (MALDONADO, 2009, p. 30). Portanto, o turismo não deve competir ou suplantar as atividades tradicionais que têm garantido a sobrevivência dos povos, na realidade, ele deve ser concebido para a potencialização e dinamização dessas atividades que já são controladas com imensa sabedoria e maestria (SILVA, 2019). Na comunidade do Maruanum, os visitantes são recebidos pelas próprias louceiras, almoçam em suas casas, “se interessam pelos frutos e pela farinha da mandioca”, e assistem às apresentações de Marabaixo. Segundo as ceramistas:

O turismo não mora aqui na cidade, não mora aqui nas comunidades, os turísticos vem de fora. É aquelas pessoa que vem pra comprar as peça! O turístico chega em Macapá, lá na casa do artesão, fazendo procuração das peça de artesanato do Maruanum. E tá tendo muita saída...e eles





vendo, eles conhecendo a história, eles se interessem mais ainda, por causa da história do processamento que a gente faz das nossas louça. [...] É importante ele vir aqui comprar as minha louça, tem vez que “ah vai chegar uns turista que eles vão querer as nossas peça!” e então, a gente já vai com aquela certeza, aquela confiança deles comprar as peças. Eles vem a gente tá, pede pra gente fazer pra eles verem como é que a gente faz e a gente vai fazendo, eu acho que isso que eles fico animado de ver, como é que nós trabalha com as nossa peça.

Em relação as trocas econômicas, é enfatizada pelas louceiras o aumento de sua renda ocasionado pela venda das louças de barro e, sobretudo, um sentimento de orgulho quando percebem o interesse por elas, que “são assim porque as louceiras do Maruanum é que faz!”. Sobre isso, segundo a Organização Mundial do Turismo (2003, p. 46), os “[...] elementos culturais podem encontrar no turismo um importante veículo de revitalização e conservação”, quando os residentes observam que os turistas apreciam suas tradições, é mais provável que renovem seu orgulho em relação a sua cultura e apoiem a sua conservação.

As louceiras demonstram que a proximidade com os visitantes desperta a valorização de suas raízes histórico-regionais e desperta o sentimento de orgulho em relação ao seu ofício; especificamente, por intermédio das louças são reconhecidos os outros aspectos culturais da comunidade (SILVA, 2019). Nesse contexto, o turismo cultural pode gerar benefícios não apenas em relação a renda das louceiras, mas também para o fortalecimento da cultura local. Para Jovchelovitch (1998), citada por Irving (2009, p. 111), “é no encontro que saberes sociais se produzem e são renovados laços de diferença e solidariedade que envolvem o sentido de comunidade e pertencimento”.

Em suma, a arte popular como elemento significativo da cultura, tem sido uma forte aliada para a valorização turística e identidade





sociocultural, trazendo implicações para o desenvolvimento do turismo cultural, que como agente de desenvolvimento local, pode agir como indutor para “pequenos negócios [...], levando em consideração a preservação do patrimônio cultural” (SILVA, 2015, p. 57). Nesse caso, o desenvolvimento está relacionado ao bem-estar e a apreciação do ser humano como agente do próprio desenvolvimento (SILVA, 2015).

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: REPRESENTANTES DE INSTITUIÇÕES

A partir das 7 perguntas do roteiro de entrevista foram geradas 42 (quarenta e duas) expressões-chave, que resultaram em 30 (trinta) ideias centrais e 31 (trinta e uma) categorias. A síntese do DSC do grupo denota uma forma de pensar as louças do Maruanum como uma herança cultural que é parte integrante da memória social da comunidade. Tal memória, de acordo com Rodrigues (2002) aflora como portadora da historicidade e as condições de construí-la são mutáveis, refletindo relações políticas e a valorização que a sociedade dá ao passado. Como segue:

Eu considero como uma das culturas que mais caracteriza o nosso povo, o nosso Estado e retrata o nosso modo de ser, é um símbolo. Elas vão e fazem um vaso, mas deus o livre! Elas fazem de tudo pra dar certo, pra ter um símbolo, uma simbologia daquelas peças que elas estão fazendo, a importância daquele material. Acho que ali está tudo muito relacionado, a história das louceiras, o modo de fazer, a questão técnica de fazer que é um atrativo muito grande, tem todo um rito por trás. Como Patrimônio Cultural eu entendo que é inquestionável, pela forma como elas constituem aquele objeto, pela forma como os elementos que compõem toda aquela forma de fazer, então tem todo um misticismo ali envolvido, tem toda uma história ali envolvida, envolve questões religiosas num processo que tem muito respeito, um processo de família, [...] na forma de todo um ritual e todos precisam saber!





Convém lembrar que a memória está intimamente ligada à identidade, e para essas instituições o conhecimento tradicional imbricado nas louças de barro do Maruanum caracteriza a comunidade, além de manter relações histórico-culturais refletidas nos modos de ser. Com base nessas percepções, as instituições identificam um turismo “de nicho” para a comunidade, exemplificando o turismo cultural, turismo religioso e turismo quilombola, e ainda considerando as louceiras do Maruanum como o elemento a ser estruturado e “desenvolvido” como um fator chave para a comunidade, sendo por meio delas que o turismo deve ser pensado. Segundo eles:

Eu vejo o Estado como um todo, e eu vejo que a gente tem que trabalhar turismo de nicho, então por exemplo, o Maruanum ele tem um nicho religioso, esse nicho cultural da questão quilombola que é muito forte, então esse nicho específico tem um potencial muito grande e vejo como uma grande oportunidade de ser trabalhado e desenvolvido. Pra desenvolver esse nicho, pra desenvolver esse turismo, já tem um elemento, já tem as louceiras, o produto, agora precisa se estruturar isso. Então alguns elementos precisam ser estruturados no Maruanum pra potencializar esse trabalho das louceiras do Maruanum e elas poderiam sim fazer isso, a própria comunidade!

O discurso segue desta forma:

Nesse caso, as louças do Maruanum são um atrativo turístico devido ser somente nesse lugar, nessa comunidade, que têm as mulheres que produzem, na realidade é o saber fazer, é o que elas fazem, o ritual que elas fazem, [...] principalmente a valorização do modo de fazer essas louças. O rito de fazer, ele é muito forte, e a consequência disso é de ter uma panela funcional, uma panela cheia de elementos fortes que eu vejo que tá muito agregado. Acho que um tá associado ao outro, o valor agregado daquela panela é imensurável, toda essa história que elas trazem, que elas carregam, que elas depositam naquela panela. [...] então eu vejo como um fator chave numa comunidade que se pretende





trabalhar o turismo cultural, vejo que esse saber fazer tem um valor muito grande naquela comunidade, para aqueles produtores ali.

Nesse caso, foi identificado que a interação com a comunidade procura os significados construídos pelas louças, visando o protagonismo das mulheres ceramistas, portanto, a noção de interpretação do patrimônio já é usada por essas instituições para nutrir o seu relacionamento com elas. Segundo Freire e Pereira (2005), o turismo cultural pode ser viabilizado, em grande parte, através da interpretação planejada e realizada junto a comunidade, compreendida por Aloísio Magalhães (1985) como “a melhor guardiã do seu patrimônio” e que deve ser a “melhor anfitriã de seus visitantes” (FREIRE; PEREIRA, 2005, p. 127).

Em contrapartida, o DSC aponta também para a “negociação dos significados” (SAPIEINSKAS, 2012) das louças no seguinte trecho:

Eu lembro que nós fizemos um trabalho com elas, com essa questão da venda da peça, onde ela requer uma estrutura de transporte um pouco mais pesado e aí nós pensamos, dona Marciana e as meninas “bora trabalhar uma linha de souvenir” porque assim, o turista quer levar uma lembrança daquela comunidade e, geralmente, ele vêm para uma viagem rápida e não querem levar uma panela, porque ela é mais pesada, então nós trabalhamos com elas algumas peças pequenas, mas mantendo as mesmas características.[...] mas aquilo foi uma outra possibilidade, uma outra forma de potencializar a venda. Eu lembro que na época também, a gente resgatou uma peça, [...] tipo um candeeiro, uma espécie de uma luminária que elas faziam da época que os antepassados usavam e elas tinham deixado de produzir essa peça.

Percebe-se que o “resgate” de um tipo de louça que as antepassadas das louceiras produziam, mostra que embora a atuação das instituições ocorra sobre uma prática já existente no local e compartilhada socialmente, ocorre uma “luta” pela produção simbólica. Isso pode estar associado a uma ação





no sentido de transformação da visão de mundo que ocorre com a inserção das louças de barro no campo turístico, reforçada pelas ações de criação de *souvenirs* para que haja a sua “adequação” para um novo mundo social (contexto).

Em adição, a comunidade do Maruanum é vista como um “lugar” que é capaz de falar sobre si mesmo e falar através das louceiras, assim:

É o que elas fazem que chama muito a atenção porque não tem outro lugar que faz do jeito que elas fazem. E acredito, também, que o lugar é um atrativo.

Desta forma, a potencialização do trabalho das louceiras, partindo da própria comunidade considera que a interpretação do patrimônio e sua dialética localizam-se entre o inconsciente coletivo e sua representação concreta (FARIAS, 2005). O grupo ainda apontara a necessidade da corresponsabilidade ao pensar o turismo cultural para a comunidade do Maruanum. No discurso:

No caso da nossa Instituição, foram oportunizadas muitas coisas para as louceiras, e elas participam. É muito no tempo delas, no momento delas, [...] então elas aceitam, elas concordam e tem consciência que essas instituições chegam lá pra dar o apoio. Mesmo na Instituição, temos uma sala, uma divisão do Museu de História do Negro e, nessa sala tem algumas louças delas que as pessoas vão lá comprar, e lá a gente explica, fala sobre elas, passamos o contato delas. [...] é preciso que as partes interessadas, essas instituições estejam muito sensíveis a causa e que elas estejam muito comprometidas [...]. Governo, SEBRAE, nós como incentivadores, nós temos que fazer a ponte, buscar viabilizar, facilitar o processo [...], é uma forma de facilitar a divulgação dessa cultura.

A discussão sobre esse planejamento local fala dessas instituições, empreendimentos e outras partes interessadas como “facilitadoras” que, objetivando dar visibilidade as louceiras do Maruanum, podem contribuir





para aumentar o interesse da própria comunidade. Por fim, essas instituições enxergam e fomentam um tipo de turismo centrado no diálogo cíclico entre as louceiras, a comunidade e os visitantes, sendo as louças de barro a materialidade da relação construída a partir dessa experiência.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: REPRESENTANTES DE EMPREENDIMENTOS LOCAIS

A partir de 6 perguntas do roteiro de entrevista, foram geradas 24 (vinte e quatro) expressões-chave, que resultaram em 17 (dezessete) ideias centrais e 10 (dez) categorias. A síntese do DSC do grupo mostra que as representações das louças antecedem a sua materialidade, como mostra o seguinte trecho:

Existem duas palavras-chave que podem definir tudo isso: a necessidade que as louceiras tinham de produzir suas próprias peças e a outra é a religiosidade. Essa necessidade de produzir suas próprias peças, de cozinhar, de fazer utensílios domésticos para sua própria gastronomia fez com que cada uma aprendesse esse ofício e desse ofício a religiosidade foi bastante impregnada no fazer dessas peças, é o ritualístico, as peças são como algo santo, da necessidade passou a ser algo santificado. Existe também o seu significado mais primitivo, porque elas ainda fazem as louças do Maruanum de modo primitivo e, antes mesmo, dos povos africanos chegarem a América, os indígenas também já utilizavam. Então, todo o modo primitivo ainda é resguardado nessa tradição que passa de geração para geração e que vai muito além de um prato, de uma panela, de um vaso, ou de qualquer outra coisa, pois têm as relações, primitivas, africanas, com simbologias, com significados e modos de fazer, [...] uma sincronia de energias.

Ao tratar do interacionismo simbólico, Simmel (2006) descreve um processo no qual os indivíduos, por meio de sua interação com os demais, retiram da realidade seu “conteúdo”, e este adquire uma existência independente





e autônoma em relação à realidade e ao próprio contexto (mundo social) do qual resultam (SAPIEZINSKAS, 2012); assim, o olhar desse grupo para as louças do Maruanum caracteriza-se pelo destacamento dos significados a partir de sua materialidade e alcança as relações sociais imbricadas. Embora a natureza do trabalho, por eles desenvolvido, suscite relações econômicas, eles relatam uma sintonia e consciência articuladas, reconhecendo que a preservação das louças, como patrimônio cultural, significa a preservação do “encantamento”.

O que eu acho que a gente tem que preservar essa cultura é pela alegria e pelo encanto que causa em todo mundo. As festas, o cantar, o falar da sua vida através de preces, através de cuidados, a peça é praticamente o externar do espírito daquelas mulheres. [...] a peça é simplesmente o fruto material desse espírito que há no Maruanum, que todo mundo se encanta.

O grupo sugere que este encantamento é o atrativo para a ressignificação do olhar das pessoas sobre o patrimônio cultural, conduzindo a uma relação pautada na experiência do “vivido”, ou seja, por meio da característica que nutre a interação entre o natural e o social dessa comunidade (TAVARES, 2009). Ressalta-se o trecho:

As louceiras do Maruanum representam o que eu vi e o que a gente tem que levar para o mundo lá fora, para o turista perceber que um dia ele pediu a benção a avó e hoje ele não pede mais. Então tem toda essa relação, muito mais cultural, de resistência, de se manter isso, de passar para as gerações do mesmo jeito que elas aprenderam. E resguardar isso como patrimônio é dar a elas essa vivacidade desse saber de continuar.

Nesse relato, revela-se não apenas o olhar atento desse grupo na interpretação da cultura, mas o engajamento no processo de comunicação





dessa interpretação, neste caso, a interpretação se distingue do simples fornecimento de informação, porque ela se torna a arte de revelar “o significado do legado natural, cultural ou histórico, ao público que visita esses lugares[...]” (MIRANDA, 2005, p. 95). Entretanto, uma das propostas que o grupo se refere – a incorporação das louças nos hotéis da cidade de Macapá –, trata desse ambiente como um “instrumento de consolidação das identidades locais”, fato que evidencia a linha tênue entre a interpretação e a apropriação das representações do patrimônio cultural. Como segue:

No meu projeto, a intenção era criar identidades no hotel para fomentar o turismo e fazer com que o hotel fosse um instrumento da consolidação dessas identidades locais. Foi aí que houve a necessidade de melhorar os ambientes, agregando valor para o próprio cliente, houve a necessidade e vimos a importância do projeto como forma de atrair mais hóspedes.

A apropriação que é feita dos conteúdos culturais considera que as louças carecem, de alguma forma, de consolidação (afirmação) por meio de outro mundo social (contexto), neste sentido, Geertz (1989, p. 89) afirma que “as pessoas usam conceitos da experiência próxima espontaneamente, [...] não reconhecem, a não ser de forma passageira e ocasional, que o que disseram envolve ‘conceitos’”, neste caso, as louças do Maruanum servem a diferentes conceitos de afirmação cultural.

Em outro momento, as louças do Maruanum são incorporadas respeitando o que as louceiras denotam como o seu significado primordial – a sua função –, evidenciando que a perspectiva da “valorização cultural”, enfatizada pelo grupo, busca as relações tradicionais atreladas aos seus serviços, como mostra o trecho:





Sobre o meu empreendimento, o nome já nos liga, já nos remete a questão tradicional, então quando a gente começou a fazer a feijoada nas panelas do Maruanum, desde a primeira vez que a gente começou a fazer a feijoada já foi nessas louças do Maruanum, e que já foi pensada nessa questão do tradicional delas, nesse lugar, nesse empreendimento. É exatamente porque elas mantêm essa tradição, as panelas são muito ligadas a isso, ao modo de fazer, a ser um modo artesanal. Então, todo mundo sabe que não é o mesmo sabor do que você fazer no fogão ou em outra panela.

Neste caso, trata-se de uma interpretação do patrimônio cultural colocada em prática, um caminho viável para uma mensagem compreensível ao público (MIRANDA, 2005). O DSC aponta também, para o estímulo à experiência naquela comunidade, evidenciado na seguinte narrativa:

Eu vejo um turismo para o Maruanum, ele indo lá e experimentando, como o turismo de experiência, funciona melhor do que você querer tirar elas de lá pra levar o seu produto pra alguém fora da sua realidade. Por isso eu digo “olha gente, o Maruanum é lá, nós temos que levar as pessoas pra lá, para elas verem que aquilo que elas pegam que tem toda uma história e elas vivenciarem essa história”.

Ainda que o grupo “retire” as louças de seu ambiente para incorporá-las em outros, eles assumem que “nós temos que levar as pessoas pra lá”, e isso, fortemente, ocorre na forma como eles buscam explicitar as representações das louças, com a intenção de “levar” o público à comunidade do Maruanum por meio da experiência estética e induzindo à sua ida até lá.

CONCLUSÕES

Traçar um caminho científico para conhecer as louceiras da Comunidade do Maruanum – no Estado do Amapá, norte do Brasil – trouxe um profundo





entendimento sobre o universo em que elas vivem e se relacionam, que é caracterizado por uma subjetividade que não pode ser dissociada das louças de barro. Um dos primeiros aspectos percebidos foi a relação das mulheres com o barro; não se trata da “louça” do Maruanum, mas do “barro” do Maruanum, é a partir dele que as mulheres corporificam o seu conhecimento e se conectam à “Mãe do Barro”.

As louceiras têm como ofício a arte e perpetuam a ligação com o barro através das memórias resguardadas pela linhagem feminina nutrida pela importância que as louças têm para a comunidade. Essa identidade ancestral da louça torna as mulheres ceramistas, de fato, detentoras da memória dessa comunidade, onde seu ofício se funde à própria origem do Maruanum e instrumentaliza a relação subjetiva do caboclo com a natureza.

Foi na condução das entrevistas e análise do discurso que foi possível entender como a experiência do turismo cultural está começando a ser desenvolvida nessa região, sendo uma prática já existente no Maruanum, mas que não é estudada, ou seja, a comunidade recebe os visitantes de forma espontânea. Um aspecto relevante nesse caso, foi a busca por conhecer o posicionamento não só das mulheres ceramistas, mas de grupos que, de alguma forma, estabelecem ligação com elas e que intencionam fomentar e comunicar essa arte aos visitantes; isso demonstrou que esses grupos percebem as relações patrimoniais das louças de barro e buscam alternativas para a sua preservação, conservação e divulgação.

A pesquisa permitiu caracterizar não apenas a natureza do lugar, mas os modos de vida dos grupos humanos característicos da Amazônia. Isso pode servir como referência no momento de se pensar o Maruanum dentro do contexto da experiência turística. Contudo, ainda se mostrou





necessário que a sua forma particular de interação com o mundo seja mais explorada, uma vez que é na convivência com os “encantados” que se constroem as relações entre pessoas e a natureza e assim, podem ser construídas as suas relações com os visitantes.

Sendo assim, não é apenas a natureza o atrativo do lugar, mas também o fazer cultural dos grupos humanos que ali habitam, o que nos leva a compreensão de que esses nuances refletem os movimentos do turismo cultural na contemporaneidade, onde os fatores humano e cultural são indissociáveis da natureza ao se pensar na experiência turística. Diante disso, também surge a possibilidade de atrelar o patrimônio cultural de uma comunidade tradicional da região amazônica à dinâmica do turismo cultural, o que pode proporcionar experiências únicas aos visitantes e renovar a autoestima das louceiras e de sua comunidade.

Em relação aos grupos de informantes, tratados na pesquisa, é necessário que aperfeiçoem suas estratégias de divulgação da prática cultural e adotem a perspectiva de interpretação deste patrimônio para que a comunicação turística gere benefícios econômicos e sociais para a comunidade do Maruanum sem afetar o seu ritmo de vida. Não é a intenção desta pesquisa limitar o saber fazer em algumas significações, portanto é válido pontuar a necessidade de um estudo mais amplo no que tange à incorporação de um quarto grupo de informantes, que poderia ser composto por turistas. Por fim, é necessário que o campo do turismo compreenda a linguagem do criar-saber-fazer amazônica, pois a partir dele podem ser delineadas experiências turísticas que convergem os aspectos subjetivo, estético e sustentável, significando uma nova forma de aprendizagem dessas trocas culturais.





REFERÊNCIAS

ABREU, R.; NUNES, N. L. “Tecendo a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia: o caso da ‘Linha do Tucum’”. In: MACIEL, M. E. (Org.). **Horizontes Antropológicos: Saberes e fazeres**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. p. 15-43.

ALMEIDA, F. L. de. “No princípio era a cerâmica: a volta às origens”. In: ALMEIDA, F. L. de. **Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas Artes Visuais**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010. p. 25-54.

AZEVEDO, A. C.; CONEJERO, M. C. “Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e Focus Group: alinhamento e contribuições para a pesquisa em Administração”. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO – XIX SEMEAD. **Anais[...]**. São Paulo: FEA-USP. p. 01-13, 2016. Disponível em: <http://login.semead.com.br/19semead/anais/arquivos/894.pdf>. Acesso em: 5 maio 2019.

BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas** [Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico – Coordenação-Geral de Segmentação]. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CASCUDO, L. da C. **Civilização e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

COSTA, C. S. da. “Louceiras do Maruanum em observância aos princípios ambientais: prevenção, precaução e função socioambiental da propriedade”.

SILVA, E. C. G. e; ROSSINI, D. de. M. As louceiras do Maruanum e o turismo cultural na região amazônica: uma análise do discurso. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 426-456, set./dez. 2020.



Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas, Macapá, n. 3, p. 145-152, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/planeta/article/view/554>. Acesso em: 20 mar. 2019.

COSTA, C. S. da; LIMA, W. M. da S.F.; CUSTÓDIO, E. S. “A Arte Cerâmica Do Maruanum: A Encantaria Como Linguagem Artística”. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 21, n. 2, p. 199-212, 2016. Disponível em: <http://ism.edu.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/2935>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CUÉLLAR, J. P. de (Org.). **Nossa diversidade criadora: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento**. Campinas: Papirus; Brasília: UNESCO, 1997.

FARIAS, E. K. V. “A Construção de atrativos turísticos com a comunidade”. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Org.). **Interpretar o Patrimônio: um exercício no olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 59-73.

FERNANDES, A. P. “Um novo artesanato brasileiro: a busca por uma identidade cultural e social”. In: ARRUDA, A. J. V. (Org.). **Design e Inovação Social**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 163-182.

FREIRE, D.; PEREIRA, L. L. “História Oral, Memória e Turismo Cultural”. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Org.). **Interpretar o Patrimônio: um exercício no olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 121-130.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.a., 1989.

GONDAR, J. “Memória individual, memória coletiva, memória social”. **Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, v. 8, n. 13, 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso em: 25 abr. 2019.

IRVING, M. de A. “Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível?”. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN,



I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108-121.

LARAIA, R. de B. “Claude Lévi-Strauss, quatro décadas depois: as mitológicas”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 167-169, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100010. Acesso em: 27 maio 2019.

LAGROU, E. “Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas”. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 01, n. 02, p.1-26, 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/elslagrou.html>. Acesso em: 1 jun. 2019.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. “O sujeito coletivo que fala”. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.] v. 10, n. 20, p.517-524, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/17.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LÉVI-STRAUSS, C. **A Oleira Ciumenta**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

MALDONADO, C. “O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas”. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44.

MARTINS, L. C. “Memória e meio ambiente: a experiência com as mulheres das águas”. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente de Sociedade – ANPPAS. **[Anais...]**. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://odonto.ufg.br/n/45140-trabalhos-academicos-sobre-a-comunidade-kalunga>. Acesso em: 7 abril 2019.

MENDES, F. R. N. “Modelando a Vida no Córrego de Areia: tradição, saberes e itinerários das louceiras”. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 229-243, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/42356/26751>. Acesso em: 15 maio 2019.



MIRANDA, J. M. “O Processo de Comunicação na Interpretação”. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Org.). **Interpretar o Patrimônio: um exercício no olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 95-105.

ORGANIZAÇÃO Mundial do Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PAZ, O. “El Uso y la Contemplación”. **Revista Colombiana de Psicología: Relación de Saberes**, Bogotá, p.133-139, jun. 1998. [Texto tomado de la Revista de Camacol v.11(1). Edición 34, marzo 1988, pp. 120-125]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4895343.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PEROTA, C. **Impacto do artesanato no turismo**. Disponível em: <http://agrotures.web2156.uni5.net/Arquivos/Estudo%20do%20Impacto%20do%20Artesanato%20no%20Turismo.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

PIMENTEL, A. B. “Dádiva e hospitalidade no sistema de hospedagem domiciliar”. In:

BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 216-239.

RODRIGUES, M. “Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo”. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (Org.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 13-24.

SAPIEZINSKAS, A. “Como se constrói um artesão: negociações de significado e uma ‘cara nova’ para as ‘coisas da vovó’”. In: MACIEL, M. E. (Org.). **Horizontes Antropológicos: Saberes e fazeres**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. p. 133-158.



SILVA, E. T. da. **Patrimônio Cultural e Turismo: A Arte Santeira Piauiense**. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2015.

SILVA, C. L. R. da; SILVA, A. R. L. da. “O turismo cultural proporcionando novos caminhos à conservação dos valores artesanais”. In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. **Anais[...]**. Porto Alegre, p. 01-14. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/196/188>. Acesso em: 25 abr. 2019.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TAVARES, M. G. da C. “Turismo e desenvolvimento na Amazônia brasileira: algumas considerações sobre o arquipélago do Marajó – Pará”. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 249-260.

ZUCON, O.; BRAGA, G. G. **Introdução às culturas populares no Brasil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

